

LEITURAS E NARRATIVAS DE JOVENS NUMA UNIDADE SOCIOEDUCATIVA FLUMINENSE: EXPERIÊNCIAS E SABERES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES

Virginia Georg Schindhelm¹
Simone Barros²

Resumo: O artigo apresenta a atividade de contação de histórias para adolescentes numa unidade socioeducativa na Baixada Fluminense e reflete sobre a experiência dos jovens com contos de fadas e demais leituras que fazem emergir narrativas e histórias de vida, sonhos, fantasias e experiências subjetivas sobre gênero e sexualidades. A mediação de leituras é promovida por uma profissional em biblioteconomia que, cotidianamente, interage com emoções e relatos de meninos oriundos de comunidades populares e, muitas vezes, membros de facções criminosas. A oficina oferece a oportunidade de formar grupos reflexivos que desconstruem mitos e verdades sobre virilidades que trazem de ambientes familiares e comunitários comumente cercados por ideais heteronormativos e padrões hegemônicos de masculinidades.

Palavras-chave: socioeducação; contação de histórias; gênero e sexualidades.

READINGS AND NARRATIVES OF YOUNG PEOPLE IN A FLUMINIAN SOCIO-EDUCATIONAL UNIT: EXPERIENCES AND KNOWLEDGE ON GENDER AND SEXUALITIES

Abstract: This article presents a teenagers' storytelling activity in a correctional education school in the suburb of Rio de Janeiro and is a reflection about the teenagers' experiences with fairy tales and other readings, which reveal life narratives and stories, dreams, fantasies and subjective experiences about gender and sexuality. The reading mediation is proposed by a librarian, who every day shares emotions and narratives with the teenagers, who come from popular and poor communities and many times are members of criminal groups. The workshop offers the opportunity of forming reflexing groups which undo masculinities myths and truths that the young bring from familiar and social environments, commonly surrounded by the ideal of heterogeneous relationship and masculinities hegemonical patterns.

Keywords: correctional education, storytelling, gender and sexuality.

Introdução:

Este artigo tem como foco refletir sobre experiências desenvolvidas em Oficinas de Mediação de Leitura no Centro de Atendimento Integrado (CAI) Belford Roxo do Novo Degase (Departamento Geral de Ações Socioeducativas), em Unidades de Internação de Cumprimento de Medidas Socioeducativas, com adolescentes homens de 12 a 18 anos em privação de liberdade.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (FEUFF). Professora adjunta na graduação do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES), campus Santo Antônio de Pádua, da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do NUPEDIS – Núcleo de Pesquisas e Estudos em Educação e Infâncias (UFF/INFES). E-mail: psicovir@terra.com.br

² Graduada em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (UFRJ). Capacitação em mediação de Leitura (UFRJ). Bibliotecária no Novo DEGASE (Departamento Geral de Ações Socioeducativas do Estado do Rio de Janeiro). E-mail: simonebarros547@gmail.com

Os jovens, acautelados pelo Novo Degase, órgão responsável pela política de Socioeducação do Estado do Rio de Janeiro, possuem escolaridade diversificada, variando do 1º ano do Ensino Básico Fundamental ao Ensino Médio, comumente incompleto, são convidados a participar da atividade, uma vez por semana em grupos de 4 a 8 meninos, como uma experiência de lazer fora do horário escolar.

Com a criação do cargo de bibliotecária no Novo Degase (2011), a Unidade de Internação CAI Baixad foi contemplada com a chegada de uma profissional concursada na área de Biblioteconomia para fazer parte do quadro de equipe técnica interdisciplinar formada por psicólogas, assistentes sociais, pedagogas, terapeuta-ocupacional e médica.

Os meninos dessa unidade frequentam o *Colégio Estadual Jornalista Barbosa Lima Sobrinho*, que possui uma sala de leitura. Na ocasião do ingresso da técnica em biblioteconomia, em outubro de 2013, no CAI Belford Roxo, a sala era utilizada para outros fins – ora como sala de aula e ora como espaço para atendimento da Defensoria Pública – e já possuía alguns livros. Foi feita também uma campanha de doação de livros usados junto à comunidade onde a unidade está inserida e recebidos vários livros de histórias infanto-juvenis.

Na busca de uma aproximação com a escola, a técnica foi incentivada a promover a atividade de empréstimos de livros na hora dos intervalos pedagógicos. No entanto, ao sentir-se instigada por aqueles que não se interessavam por empréstimos, seja por não saberem ler, seja por falta do hábito de leitura, e estes representam uma grande parte deste universo, sentiu-se desafiada a conquistar novos leitores e criou uma Oficina de Mediação de Leitura na unidade, configurada como um espaço cultural, de lazer e de acesso à informação.

Partindo de seus conhecimentos e experiências adquiridos ao longo de sua formação em Mediação de Leitura, divulgou esse cenário de modo a seduzir os adolescentes a receberem informações sobre suas necessidades, tirar dúvidas sobre temas relativos à sexualidade, às doenças sexualmente transmissíveis, às drogas e os incentivou a dialogar sobre religião, sobre diversidade e as diferentes visões de mundo ou ainda simplesmente ouvir românticas poesias.

Como os contos de fadas pertencem ao gênero literário mais rico do imaginário popular, a mediação de leituras sobre histórias infanto-juvenis inaugurou a oportunidade para o diálogo com os adolescentes participantes dessa atividade sobre os conteúdos das fábulas e também sobre os personagens que, muitas vezes, provocam comentários pessoais e resgatam memórias autobiográficas, dentre elas as que se referem ao gênero e as sexualidades.

Frente a essas experiências, organizamos este artigo de modo a apresentar e refletir sobre algumas especificidades conferidas aos papéis sociais e às construções subjetivas que os meninos em privação provisória de liberdade narram a partir das culturas de onde se originam que,

comumente, são construídas a partir de modelos de masculinidade hegemônica performática, heterossexual e dominante.

Os adolescentes na instituição

A grande maioria dos jovens são filhos de famílias de classes populares que passam por dificuldades de desemprego, falta de moradia, sem apoio financeiro, social e emocional e, por isso, refletem um quadro social de desigualdades no estado do Rio de Janeiro e em outras regiões do país.

São diferentes histórias de vida, com comportamentos diferenciados, todavia acostumados a lidar com situações de violência doméstica, abandono por parte dos pais, envolvimento dos familiares com drogas lícitas e ilícitas, vivências de colegas mortos, situações de vulnerabilidade social muito marcadas pelas relações no ambiente em que vivem.

Esses jovens constroem suas sexualidades em função dos códigos e das formas culturais que imperam nas comunidades onde moram e se desenvolvem. De acordo com Fernandez (1994) as formas culturais são significações do que é ser homem/mulher numa sociedade constituída por mitos, pela linguagem usada, pelos meios de comunicação e pelos sistemas de ensino comumente infiltrados por discriminação sexista. Assim, os meninos aprendem o que é culturalmente considerado masculino e que, muitas vezes, entra em contradição com as formas somáticas masculinas, o que gera um trabalho maior na construção das subjetividades devido à redução do cultural ao biológico: quantas vezes escutaram que um homem não pode chorar, se sensibilizar porque esse tipo de atitude não condiz com sua forma somática de ser forte?

Talvez essa seja uma das razões para explicar o motivo pelo qual se demonstram como jovens muito ansiosos, com comportamentos infantilizados, com baixa tolerância quando são contrariados, algumas vezes agressivos e com mudanças acentuadas de humor.

Tais comportamentos também podem ser entendidos como crises de conflitos internos, na medida em que adultos ora cobram deles maturidade para que possam assumir uma vida independente e ora evidenciam-se exigências para que recalquem seus desejos sexuais porque ainda não são adultos.

Os adolescentes em sua maioria convivem com armas de fogo; com violência doméstica e social; sofrem fortes influências para o consumo exagerado, na medida em que expressam desejos por um celular de última geração, roupas de marca, motos e carros. Segundo eles, esses objetos lhes proporcionam *status*, posição de respeito nos grupos comunitários de origem e pertencimento

a um lugar mais privilegiado, o qual lhes oferece uma maior visibilidade social que se constitui numa característica tão importante para os jovens na cultura.

Na busca por traçar um perfil escolar dos jovens que cumprem medidas socioeducativas poderíamos afirmar que muitos não sabem ler nem escrever o próprio nome, enquanto outros dominam o código da escrita alfabética mas não entendem os significados de palavras dos textos e apresentam muitas dificuldades para interpretar as histórias dos livros.

Nesse sentido, inferimos que os jovens não tiveram acesso a estímulos para prática da leitura, seja na família, seja no cotidiano escolar ou mesmo nos grupos a que pertencem. Muitos estão matriculados em escolas, "na pista" como as denominam, no entanto, diferentes motivos os levam a abandonarem os espaços educacionais. Dessa forma, aumentam as dificuldades e as restrições com a escola, na medida em que a consideram como uma realidade distante das experiências vividas nas ruas e relacionadas com situações de risco e vulnerabilidade social.

A maior parte dos atos infracionais cometidos pelos jovens relaciona-se com roubos; mas muitos desses atos também estão envolvidos com tráfico, homicídios, dentre outras tantas formas de viverem experiências em cenários marginais.

Estes jovens vivem "aprisionados" à realidade e ao mundo que conhecem, na medida em que o externam em discursos entendidos como verdades, tais como "o certo é o certo e o errado é o errado". Assim, submetem-se a cobranças inerentes à vida adulta dos grupos sociais a que pertencem configuradas por comportamentos hostis, com responsabilidades relativas à prestação de contas, acertos e enfrentamentos com policiais. Ficam assim submetidos à própria sorte.

Encontram identificação com figuras que respeitam nos grupos do tráfico de drogas e também nas funções que por ele são determinadas. Dessa maneira, ser um bandido representa para esses jovens apenas um trabalho ou uma profissão.

Diante dessa naturalização do ser bandido, os encontros nas oficinas de leituras e contação de histórias com os adolescentes proporcionam ao grupo a oportunidade para pesquisar no dicionário o significado das palavras; essa experiência costuma causar estranhezas quando, por exemplo, constatam que "bandido" pode ser qualquer pessoa que só faz mal para outras, independente da profissão ou atividade que desempenhe e não necessariamente quem está envolvido com o tráfico numa comunidade.

A desconstrução do conceito de bandido os leva a entender as relações entre o binômio bem/mal ou mesmo bom/mau: que uma pessoa não é só boa ou só má e que esta vai se deparar sempre com escolhas que fazem parte do processo de qualquer convívio humano coletivo.

Interessante destacar o quanto uma produção literária infanto-juvenil pode questionar valores já construídos nos jovens como uma verdade irrefutável. Essa experiência move não

apenas campos de aprendizado intelectual, todavia também é promotora de mudanças nos valores afetivo-emocional e espiritual.

A oficina de mediação de leitura propõe não apenas o trabalho com livros ou material impresso, contudo oferece a oportunidade de assistir filmes com o propósito de ler o mundo de várias maneiras através da ficção. Nesse sentido, proporciona ao grupo um ambiente tranquilo, onde os adolescentes têm oportunidade de expressar suas emoções, suas fantasias, seus sonhos e oportuniza também inúmeras trocas sobre experiências de vida. Em algumas situações, a leitura também se configura como terapêutica, na medida em que gera o alívio de tensões, angústias, expectativas e ansiedades vividas por esses jovens leitores.

Na escolha dos filmes, as preferências apontam para experiências de gangs nos Estados Unidos; porém, um líder de preferência tem sido “Escritores da Liberdade” (LAGRAVENESE, 2007) que apresenta não apenas os ideais de uma professora recém-graduada à procura de fazer a diferença em sua profissão quando vai trabalhar em uma escola da periferia, em Long Beach, Califórnia (Los Angeles), com uma “turma-problema” formada por alunos “especiais”: adolescentes rebeldes, intolerantes e estigmatizados como indomáveis e, por isso, desacreditados por um sistema educacional deficiente. Enfrenta como desafio trabalhar com jovens oriundos de famílias desestruturadas, vítimas do abandono e do descaso, também marcados pela violência, pela descrença, pela desobediência, pela desmotivação, por conflitos raciais e principalmente por um pré-conceito da instituição escolar, um “desacreditar” nas potencialidades da turma.

O filme apresenta uma realidade próxima àquela que os adolescentes vivem na unidade socioeducativa configurada pela heterogeneidade da classe e da cultura e dos estilos de vida de cada aluno: desmotivados, culturalmente desfavorecidos por indiferenças, injustiças, descaso, violência e pobres em perspectivas. Ao perceber os problemas e histórias dos estudantes, a professora resolve adotar uma nova metodologia de ensino quando induz a classe à participação ativa em suas aulas ao entregar aos seus alunos um caderno para que escrevessem diariamente suas próprias histórias e seus conflitos internos. Indica também a leitura de livros que retratavam histórias de “heróis” da humanidade, com o objetivo de que seus alunos percebessem a necessidade de tolerância entre si, visto que inúmeras barbáries aconteceram e acontecem mundo afora e que a mudança de suas vidas dependem exclusivamente de suas atitudes.

Refletir sobre o filme nos leva a fazer uma analogia com a realidade dos jovens acautelados. A sala de aula, disposta em fileiras na história cinematográfica, assume nova configuração e organização, passando a ser uma oficina onde, aos poucos, os adolescentes vão se reconstruindo, recolocando-se em ideais de igualdade, consciência, respeito, humanização e dignidade, assim

como nas experiências dos jovens da oficina de mediação de leituras da unidade fluminense do Novo Degase.

O engajamento dos alunos em seus diários, espaço em que comentam sobre suas vidas, suas perspectivas e a correlação com os livros propostos pela professora no filme desenvolve em cada um dos jovens um espírito crítico que desconheciam e com isso passam a sentir, a reconhecer, a pensar e a refletir sobre os seus ideais e sobre a sociedade que os rodeia, levando-os a assumir responsabilidades por suas escolhas, despertando em cada um motivação para um futuro melhor, mostrando a necessidade de expressar sentimentos e levando-os a reconhecer sua identidade pessoal e cidadã como sujeito na história do mundo com um espaço a ser ocupado e que não pode ficar vazio.

Como na história de ficção, os meninos institucionalizados e tutelados pelo Estado aprendem pelos contos e pelos filmes que o elo de contato com o mundo gera uma forma de comunicação, que permite a compreensão do que os cerca e contribui com processos subjetivos para libertar seus medos, seus anseios, suas aflições e suas inseguranças.

Percebe-se que o dia a dia institucional na unidade socioeducativa de privação de liberdade é permeado por demandas visíveis dos adolescentes, tais como conflitos internos, baixa autoestima, mudanças de humor durante o dia, carência afetiva extrema, dúvidas sobre questões relacionadas a temas como sexo, saúde, família, violências etc. Nesse sentido, frequentar a sala de leitura configura-se como uma oportunidade de vislumbrar outras possibilidades de vida. Como em todo grupo, alguns se apresentam mais tímidos para falar e se resguardam a ouvir, enquanto outros se mostram mais comunicativos para expor suas ideias e opiniões em relação aos diferentes assuntos que os livros e os filmes neles provocam.

Adolescência, gênero e sexualidades em questão

A adolescência é um período do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta marcado por transformações hormonais, corporais e comportamentais. Nessa fase, mudanças fisiológicas se acentuam, tornando-se determinantes para comportamentos conflituosos relativos às sexualidades e às identidades dos jovens na medida em que experiências psicossociológicas vão se caracterizando por vários anos o processo de transição entre a infância e a vida adulta.

Esse processo começa com a puberdade, um fenômeno biológico universal para todos os membros da espécie humana e com um conjunto de modificações físicas que transformam o corpo infantil num corpo adulto, capacitado para reprodução. A adolescência configura-se como uma experiência cultural que supõe um processo de escolarização, por meio do qual se realiza a

formação de um sujeito que se tornará um adulto, cidadão e trabalhador. O adolescente costuma buscar amparo nas relações com seus semelhantes para lidar com suas crises e seus parceiros são aqueles com quem eles se identificam e compartilham experiências cotidianas. Desse modo, destaca-se a importância e o papel do grupo a que pertencem nessa fase.

Uma característica marcante dos jovens tutelados pelo Estado é a solidariedade que constroem e vivenciam entre eles. Mesmo privados de liberdade estabelecem uma grande proximidade, percebem-se juntos numa mesma situação e, até mesmo, sentem-se injustiçados quando algum amigo é desrespeitado dentro do grupo a que pertencem. Vivenciam essa experiência como se fosse coletiva, revoltam-se no grupo e, dependendo da situação, geram pequenos focos de rebelião ou tentativas de fuga.

Comumente são jovens que iniciam a vida sexual muito cedo porque provêm de contextos comunitários que se configuram como sociedades patriarcais e machistas que valorizam e cobram dos meninos púberes atividades e desempenho sexual como forma de identificação com o grupo social a que pertencem.

Assim, as construções de gênero e sexualidades começam desde as infâncias com modelos sexistas que evocam determinismos diferenciais e conceituações significativas pejorativas entre as identidades de gênero.

Diante disso, um homem desde pequeno deve ser macho e sério, não chorar e nem expressar seus sentimentos com emoções ou sensibilidades; ao contrário, manifestações de agressões físicas costumam ser permitidas ou até mesmo incentivadas por familiares ou grupos comunitários. Também costumam ser impostos os esportes que praticam, o linguajar que utilizam, as atividades que escolhem e os artefatos culturais (filmes, músicas, imagens) que norteiam seus modos de vida que socialmente devem ser aprovados.

Nesse sentido, a concepção de gênero se configura como um conjunto de valores, atitudes, papéis, práticas ou características culturais que definem o que significa ser homem/mulher numa sociedade. Pode parecer imutável, mas é objeto de constante fluxo de mudanças, afirma o sociólogo Jeffrey Weeks (2011).

Gênero (masculino/feminino) pertence ao campo de discussão das representações, dos símbolos e das características sociais e historicamente atribuídas às diferenças entre os sujeitos; inclui o sexo biológico e engloba as construções sobre o masculino e o feminino produzidas em instâncias socioculturais e históricas de um sujeito.

Longe de ser uma base estável e eterna para a organização da vida social, o gênero segundo Weeks (2011) tem se mostrado como uma variável histórica e cultural, potencialmente instável, o que significa uma diversidade nos modos como as sociedades organizam diferenças sexuais. A

constelação de instituições, crenças, ideologias e práticas sociais que organizam as relações entre homens e mulheres numa sociedade particular não é fixa por todo o tempo ao longo da história.

De acordo com essas teorias, a construção de gênero não perdura por muito tempo, assim como também não perduram os desejos e as práticas sociais e pessoais. O gênero pode parecer imutável mas é objeto de constante de mudanças (*ibidem*, 2011).

Gênero é uma estrutura ampla e complexa que mantém uma relação íntima com o campo das sexualidades (CONNELL, 1995) na medida em que estas remetem a uma dimensão humana que envolve as palavras, as imagens, o corpo e as fantasias em processos profundamente culturais e plurais (LOURO, 2001).

Na verdade, sexualidade e gênero são categorias que possuem um forte vínculo e estão profundamente inter-relacionadas, na medida em que são construções histórico-culturais estreitamente ligadas na constituição das subjetividades e, por isso, instáveis e passíveis de transformações.

Sexualidade é um conceito amplo, abordado por diversos significados e conteúdos. Por isso, não possui uma visão unívoca e “não é um domínio unificado”, nas palavras de Weeks (2001, p. 54). Ela pode variar ao longo da história de uma cultura para outra ou entre diferentes grupos de uma mesma sociedade, e também ao longo da vida dos indivíduos, considerando a biografia, a trajetória sexual e o contexto em que cada sujeito está inserido. Nesse sentido, torna-se pertinente falarmos de sexualidades, uma vez que são concepções construídas de formas subjetivas com especificidades e singularidades.

A experiência com histórias e palavras na Mediação de Leitura

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (BONDÍA, 2002, p. 20)

A citação em epígrafe nos ajuda a pensar a educação a partir das palavras experiência/sentido. Segundo Bondía (2002, p. 21) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” e o sujeito da experiência se configura como “um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (*ibidem*, p. 24).

Nosso texto dialoga com as concepções de Bondía e evidencia experiências protagonizadas por jovens acautelados pelo sistema socioeducativo fluminense e também pela técnica que trabalha com os meninos em Oficinas de Mediação de Leituras.

O trabalho com a leitura oferece ao leitor ou ouvinte não apenas o prazer do texto que o leva à imaginação, à fantasia e à criatividade, mas também a possibilidade de descobrir segurança emocional, de vivenciar a catarse de conflitos internos, de sentimentos de pertencimento, de amor, engajamento na ação e superação de dificuldades.

A atividade é oferecida uma vez por semana como opção de livre escolha onde os meninos formam uma roda com 4 a 8 participantes, que é aberta para diálogos e com a explanação da importância da leitura em suas vidas. Nela são esclarecidas concepções sobre a experiência de leitura a partir de entendimentos do mundo e como ela pode ajudá-los a refletir sobre as consequências de tomar decisões em suas vidas como um convite para vivências diferentes daquelas pelas quais já passaram.

A maioria dos participantes gosta de ficção realista, de fantasia e de livros que descrevem eventos que acontecem no mundo real, quando estão aprendendo a fazer escolhas e desenvolvendo valores pessoais.

No início da atividade na instituição a escolha de maior preferência dos jovens era O Pequeno Polegar, conto de fadas europeu recontado pelo francês Charles Perrault (DARNTON, 2014) que discorre sobre pobreza, fome, sobrevivência, esperteza, bravura, tenacidade e conquistas de um pequeno menino. Nela os adolescentes se identificam com o herói e experimentam diversas emoções numa história que desperta em muitos deles não apenas o desejo de vingança do mais fraco contra o mais forte, a esperança de vencer na vida e tornar-se independente, mas também o sentimento de se tornar um provedor, um protetor da família, segundo dogmas exteriorizados nos papéis sexuais dos modelos patriarcais dominantes e socialmente reservados ao homem.

No mundo das masculinidades as características esperadas de um menino são a atividade, a racionalidade, a curiosidade, a coragem, a determinação e a soberania (NUNES, SILVA, 2006). Entretanto, vale ressaltar que ninguém nasce com tais características, todavia elas se constituem como marcas de homens/mulheres das diferenças biológicas e naturais por força de determinantes socioculturais e por poderosos processos ideológicos. Frente a essas marcas, pode-se reconhecer um homem como “essencialmente lógico, objetivo, autônomo, voltado para atividades afirmativas, solidárias, conscientes, racionais e determinadas” (*ibidem*, p. 69).

O trabalho com a mediação de leitura foi um facilitador para a narrativa de um adolescente ao proferir que, depois que entrou para o tráfico em sua comunidade, ganhou notoriedade, respeito

e a visibilidade das garotas que passaram a admirá-lo pela iniciativa e pela coragem fazendo-o sentir-se mais seguro e aceito pelo grupo da comunidade por onde transitava.

Outro jovem, assíduo da sala de leitura, relatou que a sua inserção em atividades ilegais começou na infância, quando realizava pequenos favores para os traficantes da área e ganhava um dinheiro e o utilizava para comprar roupas e sapatos.

Eu mesmo pedi para entrar no tráfico e levei uns tapas por isso, mas depois me aceitaram no grupo. Tempos depois, ameacei bater na minha irmã por estar namorando um deles, disse que aquela não era vida pra ela porque quando eles se sentem traídos costumam surrar as garotas (relato de um adolescente).

Frente a esse relato, percebemos a importância da “lei da família” para esses jovens oriundos de comunidades populares, que estabelecem as próprias regras e normas de convivência social com base em critérios de dominação e que “valorizam a robustez, as práticas machistas de supremacia do homem em relação à mulher, a criminalidade, a violência” e, por isso, leva a mulher ao respeito e à submissão máxima para com o homem, como mencionam Silva Jr e Silva (2018, p. 98).

Dentre essas e inúmeras outras cenas e narrativas, percebemos que por meio das fábulas e dos contos de fadas, acessíveis à compreensão, os jovens vivenciam emoções fortes dentre outras a raiva, o medo, a dor e o sofrimento cujas histórias funcionam como válvula de escape e permitem que o adolescente vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico. No entanto, o trabalho com a mediação de leitura permite identificar em alguns dos participantes, demandas subjetivas e carências afetivas, tais como a necessidade de ser ouvido, de se sentir importante, e até mesmo a dificuldade de identificar uma autoridade que imponha limites e use algumas vezes a palavra "NÃO".

As experiências nas oficinas de leitura e com o trabalho da mediação ajudam, muitas vezes, a promover a humanização na atividade socioeducativa, na medida em que possibilitam a aproximação dos jovens oriundos de diferentes grupos comunitários dentro da instituição. Aproximação nos Grupos da Coletiva (moradores em comunidades com a atuação da facção criminosa do Comando Vermelho), os Grupos da Enfermaria (moradores das comunidades onde atua a facção Terceiro Comando), e nos Grupos do Seguro (casos que envolvem questões de sexualidade). Apesar da distância física costumeira e cotidiana entre os adolescentes pertencentes a esses diferentes grupos comunitários, a atividade de leitura os aproxima e serve como facilitadora para o diálogo entre os participantes e com a mediadora, caracterizando essa experiência como educativa.

Quando a oficina de leitura começou com suas atividades, existia uma grande dificuldade para se trabalhar com os adolescentes de diferentes grupos num mesmo momento. Tal dificuldade

surgia não apenas por parte dos jovens que se recusavam a participar da atividade juntos, mas também por parte de alguns agentes com receio de juntar grupos diferentes. No entanto, aos poucos, houve avanços nesse trabalho humanizador mediante acordos com alguns adolescentes de modo a mostrar que a sala de leitura é um campo neutro, com a prevalência do respeito e do entendimento de que todos têm pontos em comum, são apenas jovens adolescentes, e que a “experiência vivenciada nesta experiência” de leitura não pode reproduzir realidades que acontecem fora dos muros da instituição. Isso costuma deixá-los um pouco desconfiados quando estão no mesmo espaço, no entanto, a atividade se desenvolveu permeada por segurança, respeito e foco nas histórias dos livros e dos filmes.

Muitos problemas são vivenciados na instituição, dentre eles, a dificuldade de alguns funcionários que não acreditam no trabalho da Socioeducação e, dessa forma, estigmatizam os jovens como "bandidos" e com discursos tais como "ele não vale nada". Assim, muitos profissionais da instituição deparam-se cotidianamente com preconceitos oriundos da própria equipe técnica; isso torna difícil os relacionamentos profissionais e a credibilidade na atividade de leituras. Por outro lado, conta-se também com funcionários engajados e que incentivam e cooperam bastante para trazê-los para essa experiência.

A leitura, segundo Michele Petit (2009), ajuda esses jovens a se construírem, a se descobrirem um pouco mais autores de suas vidas, um pouco sujeitos de seus destinos, inclusive em contextos bastante restritos [...] eles elaboram um espaço de liberdade a partir do qual dão sentido às suas vidas e encontram ou reencontram a energia para sair de impasses nos quais se sentem presos.

Experiências autobiográficas e narrativas juvenis

Para refletir sobre as experiências de vida dos meninos e suas relações com a leitura e as construções de gênero e sexualidades, apresentamos algumas cenas observadas e relatadas durante as oficinas de contação de histórias.

Importante destacar que narrativas autobiográficas ajudam a compreender a dimensão humana a partir das histórias singulares marcadas pela cotidianidade de tempos e espaços em que vive o sujeito e a coletividade, cuja voz é usada, silenciada, todavia exaltada conforme os interesses daqueles que a recolhem. O objetivo delas é sempre enxergar (por dentro) uma realidade que supera o narrador e o modela. Trata-se de apreender a experiência social vivida, o sujeito nas suas práticas, e na sua maneira de negociar condições sociais particulares (FERRAROTI, 1988).

As narrativas autobiográficas são carregadas de subjetividade e elas se tornam conhecimentos científicos a partir do momento que analisamos a práxis humana associada às

relações que o sujeito faz no percurso de sua existência com as estruturas da sociedade. Isto significa que atos, sonhos, delírios, obras e comportamentos encontram-se integralmente com nosso sistema social e a história deste sistema está contida por inteiro na história de uma vida individual (FERRAROTI, 1988, p. 26). O autor evidencia, portanto, que não podemos desprezar a subjetividade do sujeito, visto que há uma relação entre o pessoal e o social, que é construída cotidianamente e traduz aquilo que somos enquanto pessoa e ser social.

Frente a isso, mostraremos abaixo fragmentos das histórias de adolescentes que estão temporariamente tutelados pelo Estado em privação de liberdade.

Cena 1:

Um relato assinala uma experiência de um jovem que não soube ler a mensagem que um amigo havia lhe enviado pelo celular. Sentiu-se envergonhado de admitir perante o amigo essa incapacidade levando-o a criar a seguinte história fictícia: “pulei o muro fugindo de uma perseguição policial e, com isso, perdi o celular”. O adolescente admitiu que deveria ter seguido a recomendação da mãe e frequentar a escola quando ela saía para trabalhar. Entretanto, percebemos uma incapacidade de revelar uma falha ou fraqueza – não saber ler – mas a necessidade de apresentar uma justificativa construída sob os desígnios das relações de um dever ser masculino, de um comportamento previsível para um “macho” que apenas repete/reproduz um padrão fixado, essencializado, normatizado e esperado de um homem.

Frente a essa questão, vemos que gênero é uma concepção que privilegia um conjunto de valores, atitudes, papéis, práticas e características culturais definidoras do que significa ser homem numa cultura ou sociedade. Segundo Meyer (2010, p. 16), gênero também pode ser definido como uma organização social, cultural e histórica dos processos construtivos das distinções biológicas, comportamentais ou psíquicas percebidas entre homens/mulheres e seus corpos sexuados.

Cena 2:

Outro menino, aparentemente, levava todo o grupo a acreditar que não gostava da atividade de leitura e justificava essa experiência como sem sentido algum para ele porque não entendia o que estava escrito. Depois de alguns meses ganhou a semiliberdade em uma unidade semiaberta (CRIAD/São Gonçalo) e se despediu da oficina. Chegando à outra instituição deparou-se com outra bibliotecária fazendo o mesmo trabalho com os adolescentes da unidade, mas percebeu que ela estava encontrando resistências para convencer o grupo para tal atividade. Foi aí que o mesmo interferiu com a seguinte fala para os colegas: “você estão enganados, ler é bom. Lá no CAI todos gostam de ler”. Então pegou um livro de imagens, leu através dos desenhos mostrando que o livro

é muito interessante porque “pega a visão” e, com isso, influenciou o grupo a envolver-se com a atividade.

Os estudos de gênero perpassam pela linguagem como ferramenta indispensável na produção de corpos e saberes mediada por relações de poder. Esse poder se articula por meio das diversas relações que estabelecemos socialmente (SCOTT, 1990). Frente a isso, inferimos que o menino levou em conta o aspecto relacional e dependente das pessoas – os jovens dessa nova instituição onde estava – para jogar com seu poder de conhecimento e de persuasão para influenciá-los na oficina de leitura, mostrando, e ao mesmo tempo encobrendo, a sua (in)capacidade para ler.

Cena 3:

Certa vez foi sugerida a leitura de uma história de fadas e bruxas com a finalidade de desmistificar a ideia de ser melhor ou pior do que o outro por pertencer a uma determinada facção criminosa que atua na comunidade onde moram. A mensagem do livro destacava qualidades e defeitos.

Várias reflexões levaram os jovens a identificar e fantasiar a mediadora da sala de leitura como uma fada madrinha na vida deles criando assim um vínculo relacional com empatia e confiança que abriu um espaço não apenas para dialogar com o grupo de meninos, independente de se sentirem como membros de grupos criminosos rivais, mas também para transformar práticas discriminatórias em processos, mesmo que pequenos, de desconstruções e desnaturalizações das diferenças e das constituições de subjetividades.

Entendemos com essa cena que os valores e verdades adolescentes seguem códigos sociais normativos que impõem construções impostas por culturas discriminatórias e ordenadoras, naturalizadas como hegemônicas e que devem ser seguidas mesmo dentro de uma instituição que trabalha e luta cotidianamente para não reproduzir essas referências pessoais/sociais bastante conflituosas.

Cena 4:

O conto folclórico PIMPÃO (BENEDEK, 2002) impressionou bastante os jovens na medida em que tem o medo como fio condutor da história e discorre sobre um audacioso jovem que nada teme e, por isso, é expulso de casa pelo pai para aprender a temer.

A escolha dessa temática promove no grupo dos meninos inúmeros questionamentos acerca dos seus próprios medos e quais seriam aqueles que poderiam eleger como os mais temidos nas suas vidas. Dentre as mais diversas respostas, como o medo de perder a mãe ou outras pessoas

da família, o medo de morrer ou mesmo o medo de não ter salvação divina após a morte, muitos desdobram suas narrativas com questões religiosas, dentre elas, permissões e interditos.

O casamento de gays foi mencionado e largamente debatido entre os jovens, cujas vozes mostraram-se unânimes ao declarar que relacionamentos amorosos entre homens são inaceitáveis – “entre as mulheres até dá para aceitar” - mas “homem com outro homem fica muito esquisito”. “Se eu tiver um filho que goste de alguém do mesmo sexo, faço qualquer coisa para que ele não seja um viado e mude de comportamento”. Mencionam sempre o depreciativo termo “viado”, uma denominação pejorativa e bastante popular no senso comum que desrespeita, desqualifica, agride e estigmatiza o homossexual e sua relação homoafetiva.

Uma das inúmeras hipóteses para a palavra brasileira ser escrita como “viado”, deve sua origem numa corruptela de “desviado” ou “transviado”, um sujeito visto como anormal, aquele que é diferente de si, diferente de um padrão de masculinidade brasileira que repudia quem não se enquadra no ideal de um homem másculo, construído segundo modelos hegemônicos que reforçam a ideia de ser “naturalmente heterossexual, viril, superior à mulher, racional, destemido, autossuficiente etc” (SIQUEIRA, MIRANDA, 2018, p. 62).

Os adolescentes cujas falas foram acima destacadas referem-se ao viado como uma desqualificação da masculinidade, retratando, portanto, uma homofobia repugnante e retrógrada, incrustada neles por culturas e realidades que atuam sobre padrões tradicionais, machistas e conservadores, e que julgam o homossexual com critérios baseados na ignorância, no ódio e na intolerância.

Outra questão relevante na fala de um dos meninos – “se eu tiver um filho que goste de alguém do mesmo sexo, faço qualquer coisa para que ele não seja um viado e mude de comportamento” – diz respeito à paternidade que pode ser compreendida como uma comprovação social da virilidade e, conseqüentemente, da masculinidade, como afirma Nascimento (2018, p. 23). Observa-se ainda nessa narrativa que ser homossexual seria uma simples escolha.

Atualmente, a luta dos gays com a intensidade ideológica e o crescimento das marchas e bandeiras tem assustado os "heteros", na medida em que não apenas conquistaram uma importância política, mas também porque carregam um potencial de incertezas. Eles desconstroem o padrão de que o mundo é binário (homem/mulher), provam que causas/efeitos não se cruzam tão facilmente e celebram uma ambiguidade mais rica que o discurso feminista ou machista radical.

Com isso, esses jovens acautelados assumem posturas e ideias radicais com base nos padrões das culturas de onde provêm, como recursos e tentativas de encontrar suas próprias identidades e subjetividades.

Cena 5:

O conto GOSTO DOS GOSTOS do livro O Príncipe das Palmas Verdes e outros contos portugueses recolhidos (VENTURA, 2013) apresentou aos jovens a história de uma princesa que, para agradar seu pai, declara que o ama tanto quanto o valor das pedrinhas de sal. Ofendido com tal comparação, o pai interpreta de forma errônea o sentimento da filha e a expulsa do reino, fazendo com que a moça tenha um destino diferente daquele esperado na convivência em família. No desenvolvimento do conto um príncipe se apaixona por ela sem saber sobre a sua origem real.

A fantasia da história provocou no grupo reflexões e diálogos sobre paixão, a definição da palavra e seu significado. As narrativas trouxeram concepções de um sentimento bom e experiências juvenis sobre o prazer de assistir cenas de casais apaixonados em filmes e nas novelas.

No entanto, as paixões apresentadas nas telas por atrizes que beijam homens, às vezes seminuas, levou-os a expressar que, “como são homens” não aceitariam ver a mulher amada beijando outro homem, mesmo numa cena de ficção; seria inadmissível porque ficariam com muito ciúmes. Por outro lado, questionados “se fossem vocês os personagens?” responderam: “nesse caso, seria mais fácil e pra ganhar uma grana não tem como recusar”. Os diálogos sobre beijos trouxeram também narrativas sobre a não credibilidade num beijo encenado tecnicamente por um personagem.

Percebe-se com esse relato que, para alguns adolescentes, sexualidade significa amor, atração, paixão e se expressa pelo desejo de contato, de carinho ou de amor, incluindo olhar, beijar, autoprazer e produção de orgasmo mútuo. Envolve o corpo, a história individual, os costumes, as relações afetivas e a cultura onde estão inseridos.

Por ser uma dimensão humana construída subjetivamente por processos culturais e plurais, a sexualidade é experimentada e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, opiniões, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Essa poderia ser uma justificativa para o relato dos jovens sobre a experiência de beijar a pessoa amada como um ato natural e atrelado à afetividade; a ênfase seria a existência de afeto entre as pessoas envolvidas de modo a tornar o beijo melhor.

Entendemos que a sexualidade é um fenômeno da existência humana e intensamente presente na vida de adolescentes porque é construída por cada um, é constitutiva da subjetividade, propõe falar sobre si mesmo e sobre os corpos, mas também é aquela que diz sobre a cultura e sobre o contexto social em que se está inserido. Por isso Weeks (2010, p. 10) a postula como um conceito profundamente problemático e sem respostas fáceis para os desafios que aponta.

Conclusão

Na escolha por escrever a experiência da mediação de leituras com jovens tutelados pelo Estado para uma análise à luz das questões de gênero e sexualidades, percebemos que um dos pontos mais relevantes quando tratamos dessa atividade é a sua capacidade de ensinar, pedagogizar, desconstruir mitos e verdades que os adolescentes trazem dos padrões e modelos aprovados socialmente nos contextos onde se criaram.

Os livros e os filmes trabalhados nas Oficinas de Leitura trazem em suas páginas e contextos os discursos que já circulam no meio social, reproduzem e reafirmam exemplos a serem seguidos e que auxiliam sua manutenção entre profissionais que trabalham na socioeducação. Quando os discursos são inovadores e diferem dos habituais, normalmente são vistos pelos meninos com desconfiança e/ou repúdio, o que reforça e colabora para perpetuar modos de ser, de saber e de viveres tradicionais, principalmente os que se referem ao gênero e às sexualidades.

Essas obras chegam aos adolescentes através da profissional de Biblioteconomia que, ao longo do seu trabalho na instituição, construiu junto a eles um perfil de profissional séria, discreta, ética, empática e segura de sua atuação com a literatura e a atividade de mediar conteúdos apresentados nas diferentes obras; isso a torna responsável pelo cuidado e pela educação dos jovens institucionalizados, o que ocasiona os discursos e narrativas passíveis de aceitação e se consolidam como modelos a serem seguidos pelos socioeducandos. Dessa forma, em concomitância com os inúmeros discursos reproduzidos pelas leituras e pelos filmes que coexistem no cenário social, estão subjetivando os adolescentes com esses mesmos discursos, o que tende a levá-los à reprodução em suas atitudes e opiniões diárias, sendo cada vez mais flexíveis e fáceis de serem vistos como normais e naturais.

Nossas reflexões nos conduzem a inferir que os hábitos e costumes erigidos como “normais/naturais” nas questões de gênero e sexualidades são histórica e culturalmente construídos na medida em que correspondem às demandas hegemônicas das comunidades e regiões de onde os jovens provêm. Por essa razão, sujeitos que não se enquadram nos padrões estereotipados de masculino/feminino costumam ser discriminados e até mesmo rechaçados desses contextos, os quais costumam enaltecer apenas ideais patriarcais, machistas e heteronormativas.

Diante de outras realidades, experiências sociais e comunitárias, poderíamos arriscar inferir possibilidades de, através das leituras e dos filmes, esses jovens começarem a pensar em caminhos para destinos diferentes daqueles que eles escolheram até a chegada à unidade de socioeducação.

O trabalho com a mediação de leituras e filmes também tem propiciado notáveis mudanças no comportamento de alguns jovens: narrativas de técnicos e agentes nos deixaram saber que

alguns meninos nos alojamentos se prontificam a ajudar e se propuseram a ler para aqueles que não o fazem sozinhos. Estas experiências nos levam a relacionar a importância da leitura na vida de pessoas, concluindo que a falta dela, em algum momento, pode estar vinculada ao ato infracional.

No trabalho institucional com mediação de leitura, tornou-se comum ouvir dos jovens que as histórias distraem suas mentes, mas que na "pista" se interessam mais por outras atividades. Esse relato nos leva a refletir que, através da linguagem das histórias e dos contos de fadas o jovem compreende algumas coisas as quais se lhes fossem colocadas de maneira muito realista não seriam internalizadas.

Os contos de fadas e as histórias infanto-juvenis costumam apresentar contribuições psicológicas positivas para o crescimento interno do sujeito, pois as "verdades" dos contos são internalizadas por ela, servem como base para solução de problemas psicoemocionais na infância, adolescência e também na vida adulta.

Assim, a mediação de histórias ativa e intensifica uma série de experiências no sujeito como a compaixão, a crítica, a tensão, o alívio, a tristeza, a alegria, o medo, a coragem, dentre outros sentimentos. Dessa forma, ler um conto de fadas ou uma história para um jovem é uma forma de alimentar sua alma e sua força criativa para o enfrentamento de situações difíceis como as que costumam viver nas comunidades onde residem. A mediação de leitura serve ainda como um recurso para aliviar a ansiedade, a desolação e o sofrimento dos adolescentes institucionalizados.

Este artigo destacou que os dados empíricos construídos nas experiências de mediação de leituras evidenciam persistentes determinantes de valores socioculturais, regras, padrões, crenças, tabus e estereótipos que impregnam os processos de construção de subjetividades, masculinidades e identidades dos jovens adolescentes tutelados pelo Estado. Evidenciou também a importância da leitura como elemento fundamental para a formação de um espírito livre e crítico, como alicerce para uma cidadania ativa e provocadora de deslocamentos da realidade ao abrir espaço para devaneios, sonhos, fantasias, com tantas possibilidades de interpretação e significados.

Concluimos com a certeza de que toda mudança necessita de conscientização pessoal, de consciência política e formação cultural e intelectual numa sociedade que depende do trabalho coletivo, colaborativo e participativo em diferentes instituições para que sejam efetuadas mudanças significativas em nossa história, em nossas comunidades e, principalmente, em nossa educação.

Referências

BENEDEK, Elek. Pimpão. In: *O Mundo dos Contos e Lendas da Hungria*. Landy, 2002. p. 10-13.

BONDÍA, Jorge Larossa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002.

CONNELL, Robert W. *Políticas da masculinidade*. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n.5, p. 185-206, jul/dez 1995.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Tradução Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 1994.

FERRAROTTI, Franco. *Sobre a autonomia do método biográfico*. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (orgs.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

LAGRAVENESE, Richard. *Escritores da Liberdade*. Filme. Título original *Freedom Writers*. EUA: 2007. Duração: 2h:04 minutos

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.07-34.

MEYER, Dagmar Estermann. *Gênero e educação: teoria e política*. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 5.ed., Petrópolis, RJ: vozes, 2010. p.9-27.

NASCIMENTO, Marcos. *Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades*. In: CAETANO, Marcio. SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (org.) *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 16-27.

NUNES, Cesar; SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. 2. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2006 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2. ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Tradução Guacira Lopes Louro. In LOPES, Eliane Marta Teixeira; LOURO, Guacira Lopes. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez 1990. Dossiê: Mulher e Educação.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares de. MIRANDA, Marcelo. *Experiência estética e destabilizações das masculinidades no teatro brasileiro moderno e contemporâneo*. In:

CAETANO, Marcio. SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (org.) *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 43-62.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves da. SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. “Não tem nenhum viado aqui”: a construção de masculinidades em uma unidade socioeducativa do município do Rio de Janeiro. In: CAETANO, Marcio. SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (org.) *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 86-107.

VENTURA, Susana. *O Príncipe das Palmas Verdes e outros contos portugueses*. Seleção e Adaptação. SP: Volta e Meia, 2013. p. 41-43.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-82.

_____. *Sexuality*. Third edition. London: Routledge, 2010.

_____. *The languages of sexuality*. London: Routledge, 2011.